



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de apresentação da Rede Pública de Fiscalização do Programa
Bolsa Família**

Brasília-DF, 20 de janeiro de 2005

Falar por último tem desses problemas. Vocês não sabem se querem ouvir o discurso ou se querem comer.

De qualquer forma eu quero, meu companheiro Patrus Ananias, agradecer sobretudo pela realização deste encontro aqui, que é o segundo momento importante que nós vivemos em pouco mais de um mês e meio de envolvimento das instituições brasileiras no compromisso da solução de nossos problemas.

Nós tivemos, aqui, em dezembro, uma reunião muito importante com todos os representantes dos poderes brasileiros; assumimos um compromisso, um pacto pela reforma do Poder Judiciário. E agora estamos aqui, com toda a representação do Ministério Público brasileiro, para que a gente possa atuar outra vez no controle das políticas públicas que o Estado brasileiro oferece.

Eu acho, Patrus, que este é um momento excepcional, não do governo, mas sobretudo um momento excepcional do Programa Bolsa Família.

Quero cumprimentar o companheiro, ministro-interino da Saúde, o Antonio Alves,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro Dulci, o Waldir Pires, o Jaques Wagner, o companheiro Palocci,

Quero cumprimentar o Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, procurador-geral da República em exercício,

Nosso querido Arlindo Chinaglia,



O ex-deputado, companheiro constituinte, hoje ministro do Tribunal de Contas da União, Adilson Mota,

Senhor Roberto Bandeira Pereira, presidente do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais,

Nosso querido brigadeiro Bueno,

Meu companheiro Vinod Thomas, do Banco Mundial,

E meu caro Carlos Lopez, do Pnud, representante da ONU aqui neste evento,

Quero cumprimentar a nossa companheira Analita Ferreira da Silva, parece até parente minha, porque tem Ferreira e tem Silva, e sua família,

Quero cumprimentar as autoridades aqui presentes, procuradores, representantes dos Ministérios, todos que estão aqui,

Os companheiros que trabalham arduamente para que as coisas aconteçam,

O Programa Bolsa Família, com este ato, ganha não apenas um pouco mais de cara pública, mas ganha, definitivamente, a sua cidadania.

Acho que todos nós, aqui, quando éramos pequenos, ouvíamos nossas mães dizerem que é mais fácil destruir do que construir. O último exemplo foi esse maremoto que teve na Ásia, ou seja, tudo que foi construído durante séculos, foi destruído em poucos minutos.

E uma política, quando se tenta destruir, é como disse o Patrus, e que nós já ouvimos também, quando pequenos, que a verdade engatinha e, muitas vezes, a mentira corre. Não tem nada para andar mais rápido do que um boato. Você faz uma política certa, às vezes termina o mandato e as pessoas não souberam o que você fez. Você faz uma política errada e no dia seguinte está o mundo inteiro sabendo.

A fiscalização que o companheiro Patrus propôs ao Programa Bolsa



Família é o que eu chamo da boa e saudável fiscalização. Primeiro, porque ninguém que recebe o Bolsa Família, ninguém, sabe quem é que está envolvido no Bolsa Família, se tem um deputado “A”, deputado “B”. As pessoas recebem um cartão e sabem que aquela é uma transferência de renda feita pelo Estado brasileiro. Portanto, ela não deve favor ao Presidente da República, ao Ministro. Ela sabe que é o Estado brasileiro que está tentando fazer pequenos reparos nos grandes malefícios que, ao longo da história, o Estado brasileiro construiu para prejudicar as pessoas mais pobres. Porque, afinal de contas, pobre não tem acesso a dinheiro público. É muito difícil.

Quando se discute 0,50 centavos para uma política de combate à pobreza, muitas vezes isso tem mais repercussão, tem muito mais gente contra do que quando você discute 5 bilhões para ajudar uma outra coisa qualquer. E somente quem passou fome, somente quem acordou de manhã e não teve o que comer ou ficou acorado num fogão de lenha tomando uma xícara de café preto com farinha de mandioca, ou que viu uma criança ir para a escola e, ao chegar na escola, não aprender porque faltava nela as calorias e as proteínas necessárias, sabe da importância do Programa Bolsa Família.

Possivelmente seja pequeno diante das necessidades do povo brasileiro, mas é um passo extraordinário. E o mais extraordinário é que nós cumprimos as duas metas determinadas até agora. Chegamos a 3 milhões e pouco no final de 2003, no primeiro ano, e culminamos em dezembro, ultrapassando em mais de 70 mil, o número de pessoas que estava previsto.

O Carlos Lopez sabe, porque conversamos muito. Nós queríamos chegar a 6,5 milhões de pessoas, chegamos a 6 milhões 572 famílias, o que é uma demonstração de que nós chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias em dezembro deste ano. Em dezembro de 2006, se Deus quiser, nós estaremos completando a totalidade das famílias que nós detectamos, pelos estudos do IBGE, que eram pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza.

Eu espero que a gente nem alcance este número, porque eu espero que



não tenha mais tanta gente assim, na medida em que eu também trabalho e torço para que a economia cresça, que gere os empregos e que gere as rendas necessárias para a sociedade brasileira.

Muita gente fez crítica achando que o fato de nós estarmos condicionando o Programa a cuidar da saúde e a cuidar da educação, era um castigo. Muito pelo contrário, é um benefício a mais. O Estado brasileiro se preocupar com uma família que não teve estrutura, sequer alimentar, de que esta criança vá para a escola como condição para que receba. Não é que nós tenhamos interesse de castigar uma família onde a criança não foi para a escola; se não foi para a escola vamos discutir porque não foi, pode não ter ido para escola porque não teve roupa.

Eu fui a Afogados da Ingazeira, em Pernambuco, há uns três anos atrás, visitar um projeto de irrigação e parei, Waldir, você conhece a região, parei numa casa no aeroporto de Afogados da Ingazeira onde fazia três dias que as crianças não iam para a escola, porque não tinham água para se lavar. Então, não é apenas a questão da fome, tem outros ingredientes que a transferência de renda pode permitir: pode permitir que um dia se compre um sapatinho para um, outro dia se compre uma blusinha, e as crianças indo bem vestidinhas para a escola conquistarão um espaço a mais de prazer e de alegria.

Eu quero dizer aos representantes do Tribunal de Contas, do Ministério Público, dos procuradores deste país, ao companheiro Waldir Pires, que vocês vão funcionar para o Programa Bolsa Família, como se fossem os avalistas da boa causa. Por quê? Porque o papel de vocês na verdade, que têm acesso a cada município, que têm acesso a toda estrutura federativa do Brasil, é perceber se tem alguma coisa errada ou não tem. E fazer com que a gente possa, a partir daí, encontrar uma solução para resolver o problema.

O Patrus tem razão, nós não queremos, em nenhum momento, dizer que tem prefeitos ou prefeitas que não aplicam o dinheiro corretamente. Eu sou daqueles que acham que todo ser humano é bom, é honesto, é decente, até



prova em contrário. Já tive muitas decepções, é verdade, mas continuo com a crença de que o ser humano nasceu para ser bom, continuo acreditando que é mais fácil ser bom do que ser ruim; é mais fácil ser honesto do que não ser honesto; aliás, é mais benéfico para nossa alma e para nossa cabeça saber que um centavo que chega no local vai ser distribuído para quem precisa.

Vocês não sabem, meus queridos, agora sócios do Programa Bolsa Família, o que era o cadastro neste país. Vocês não têm dimensão. Um dia, quem sabe, a gente possa sentar em torno de uma mesa e com os companheiros do Programa Fome Zero, o companheiro Patrus, mostrar para vocês o que era o cadastro neste país. Na verdade nós não tínhamos cadastro. Nós tínhamos um monte de endereços, ou seja, um monte de nomes e a gente não sabia se era aquela pessoa que precisava ou não precisava.

E na medida em que você começa a dar um toque de seriedade, você começa a perceber que as pessoas, até nesses casos, são mais honestas do que muitas vezes se imagina.

Nós tivemos um exemplo histórico, aqui, Patrus, muito emocionante, de uma mulher, quando saiu a primeira denúncia de que tinha gente que não deveria receber e estava recebendo; uma mulher que mandou uma carta dizendo que o marido tinha arrumado emprego e que, portanto, ela não precisava mais do dinheiro. Tivemos o caso de um companheiro, em Pernambuco, que começou a denunciar e, por isso, começou a sofrer pressão. Eu estava fora, liguei para o companheiro Patrus e disse: “tem que ir lá dar um apoio a esse cidadão que está denunciando”, porque até ele estava inscrito no Programa.

São exemplos como esses que nos fazem crer que o convênio que fizemos agora é apenas para aperfeiçoar o funcionamento do Programa e que nós vamos encontrar muito mais brasileiros e brasileiras honestos e cheios de boa vontade do que a média que a gente imaginava encontrar.

Eu vejo na cara da nossa querida Analita, na televisão, ali, falando,



parecia uma artista da novela das oito, toda chique, as meninas todas bonitas, numa demonstração de que o Paulo Freire tinha razão. O Paulo Freire disse que quando a gente come a gente fica mais bonito, a gente fica mais inteligente, a gente aprende mais, a gente tem mais auto-estima, a gente passa a gostar mais da gente. E é plenamente possível, querido Patrus, a gente terminar o mandato cumprindo com o nosso programa.

Você falou do Programa do Idoso. O Programa do Idoso estava parado há 15 anos. Por quê? Porque quando se fala em emprestar 10 bilhões para um grupo econômico, para um investimento, que é importante, a gente fala investimento. Quando se fala em dar 10 reais para um pobre, a gente fala gasto, a gente não fala investimento.

Eu fico imaginando o investimento que nós estamos fazendo na família da dona Anelita. Um investimento que possivelmente trará muito mais retorno ao Estado brasileiro e à sociedade brasileira do que alguns investimentos que nós fazemos de outra ordem, porque se essas crianças concluírem o ensino fundamental, se essas crianças entrarem no ensino médio e se essas crianças chegarem à universidade e se prepararem para o mercado de trabalho brasileiro, obviamente que elas trarão benefício e conhecimento para nós, que serão impagáveis. E eu acho que é esse o objetivo do Programa.

Por isso eu quero dizer a todos os nossos sócios, os sócios da boa causa, os sócios do combate, que não tem mal maior. Você fica sem roupa... eu pelo menos fui para a escola durante anos com a única calça marrom e ia, tudo bem. Você fica sem dormir, você fica sem um monte de coisa, agora, sem comer você definha e o prejuízo da má alimentação é o atrofiamento de pontos vitais do corpo humano que, possivelmente, não tem mais recuperação.

Por isso Patrus, eu acho que este dia de hoje é extraordinariamente marcante. Hoje, nós estamos provando que, na concepção deste governo, nenhuma instituição criada para fiscalizar o bom funcionamento da máquina pública pode ser vista como adversária, pode ser vista como um entrave. Muita



gente acha que o Tribunal de Contas é um entrave, muita gente acha que os Ministérios Públicos são entraves, sejam eles municipal ou estadual. Nós sempre achamos que vão fiscalizar os outros e não a nós, e quando vêm fiscalizar a gente não é bom. Então, nós queremos o seguinte: fiscalizem, por favor fiscalizem. Fiscalizem porque a boa fiscalização significa a certeza da boa aplicação do dinheiro recolhido do próprio povo brasileiro.

Meus parabéns. Estarei aqui torcendo para que vocês trabalhem mais do que nunca e que a gente possa, meus companheiros do Banco Mundial e do Pnud, daqui a alguns meses, dizer que nós temos o mais sólido, o mais honesto e o mais eficaz programa de transferência de renda que o mundo contemporâneo já conheceu.

Muito obrigado e parabéns companheiro Patrus e parabéns representante do Ministério Público.